



UMA HISTÓRIA NO HORIZONTE

Esta é uma história imaginada a partir de elementos das entrevistas e da oficina com parte da equipe Ethos realizadas para a composição destes fascículos.

Estamos em 2030, ano do balanço do compromisso global com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que já nos dizia, lá em 2015, que ninguém deveria ser deixado para trás. Havia também nesse momento um chamado para uma luta mundial para acabar de vez com as desigualdades. Mas como é que faz pra não deixar ninguém para trás? Ainda mais no Brasil intenso, sem fim? Procurando saber, conhecer, indo atrás. Viajando.

Fim de tarde quando o nosso barco da responsabilidade social empresarial chegou no mundo de lá. Parando ali e aqui para dialogar, sem alarde. Também chegava, de outros lugares, gente de longe e de perto em outros barcos, carros, ônibus, bicicletas, trens, passos num ritmo orquestrado bonito de se ver. A cidade tinha uma questão: o transporte local precisava melhorar. Todo mundo sabia que tinha um papel nessa conversa, as empresas também.

Nesse dia, a praça principal virou ponto de encontro. A rádio poste tocava música animada esquentando as primeiras conversas. A turma do barco da responsabilidade social entende de diálogo como ninguém, faz isso desde que se entende por gente. Gosta, vive disso praticamente. Principalmente quando tem muita gente que pensa diferente e precisa construir visão comum para avançar. Ou seja, quase sempre. Vamos conversar sobre transporte?

Assim foi. Estudantes, professores, feirantes, jornalistas, gente grande e gente pequena, empresários, representantes de ONGs e da prefeitura, respeitável público. Estava mais pra pluriálogo mesmo.

Foi tudo pra mesa: o que tem e o que não tem, o que tem mas precisa melhorar, pessoas envolvidas, o sonho da comunidade, o contexto local e as conexões regionais, o que dá e o que não dá, os diversos olhares da sociedade, do poder público, das crianças, das empresas. Dilemas, leis, regulação, novidades tecnológicas, exemplos de outros lugares e países. Novidade mesmo era aquilo. Conversar sobre um assunto desses, podendo propor algo concreto pensado por todos, negociar entre pessoas e interesses muito diferentes, encontrar um propósito único, desenhar uma agenda comum. Ninguém disse que era fácil, mas a turma do barco da responsabilidade social nunca gostou de coisa fácil. E sempre soube que era uma escolha, a única possível para pessoas que vivem juntas em uma democracia. Na popa estava escrito assim, com letra cursiva: "só trabalhamos sem limites para o diálogo".

Foi difícil e intenso, foi demorado, às vezes tenso, nem todo mundo ficou, afinal havia valores e princípios na mesa, mas resultou com quem ficou. Grandes plenárias, reuniões menores, grupos de trabalho temáticos, acordos, pactos entre grandes e pequenos grupos, pessoas (às vezes no ar condicionado, em locais emprestados, mas também em espaços públicos), e estava criada comissão para fazer acontecer um novo jeito para o transporte local, apresentando alternativa de política pública de mobilidade.

Aconteceu bem ali, bem debaixo dos olhos de tanta gente, com as muitas vozes dessa gente, todos convidados a exercer a sua responsabilidade, entregar o que sabiam, o que podiam, e isso era libertador. Empresas

conseguiram finalmente olhar para um horizonte maior de tempo, para se comprometer e pertencer. Os gestores públicos estavam animados, desconfiados da mágica. Todos sabiam que aquele era apenas o início.

Depois dessa aventura, as pessoas só queriam saber de pensar, conversar e fazer. Organizações, assembleias escolares, um conselho municipal de saúde, metas para a gestão municipal definidas de forma participativa e em diálogo com a Agenda 2030 dos ODS, espaços públicos recuperados e vivos, pactos intersetoriais de vanguarda na região, empresas participando e colhendo os frutos desse ambiente de confiança, de possibilidades, mais digno e íntegro para existir. A vizinhança já tava querendo saber mais. O que se pensava e criava junto, se fazia, era forte.

O povo do barco? Segue em caravana pelo Brasil, promovendo diálogo, responsabilidade social e políticas públicas. Sempre há muito o que fazer, e ninguém pode ser deixado para trás.